

# Os santos do dia em Brasília

27 SET 1993

IGNÁCIO DE ARAGÃO

Tornou-se uma praxe comercial a destinação de um dia, do ano, para qualquer coisa, fato, profissão ou condição. Tudo serve para vender mais, o que, de resto, é bom. Mas, em Brasília é diferente. Além daqueles, há o dia do boato, nas quintas-feiras, e agora temos o dia da violência parlamentar nas quartas, podem esperar. Uma vez por semana, o pau vai quebrar como já começou na última. É uma nova forma de atividade parlamentar que determinados deputados estão pondo em prática. Só se exige que, em homenagem à verdade, o senador Humberto Lucena, presidente do Congresso, faça registrar nos anais, tintim por tintim, tudo que aconteceu, palavrões, palavras feias, empurrões, agressões, desafóros, dedos em riste, rasgadura de papéis, arquivando, em anexo aos registros, as fitas das televisões e as fotos dos jornais, com os respectivos exemplares. A história não pode ser adulterada e o povo, essa entidade etérea que vive no Brasil, não deve nunca ser enganado. Precisa ter o direito de envergonhar-se do seu passado, como até hoje se envergonha do tal Silvério dos Reis, que denunciou Tiradentes e traiu a Inconfidência Mineira.

E não é para menos. No JBr de sexta-feira, consta, no "Decálogo" que sabe tudo, que o deputado Paulo Ramos, do PDT do Rio, prometeu que, na próxima sessão sobre a revisão, será muito mais agressivo. No que não acredito. Disse-me um deputado, da maior credibilidade, que o deputado Wilson Campos, de quem tomaram e rasgaram o projeto de resolução, quando o lia, na sua função de secretário da Mesa, avisou ao deputado Wilson Muller, do PDT/RS, que o agrediu: "Vou trazer o meu revólver e você não fará mais isso!". E não fará mesmo, conheço Wilson, o Campos, pernambucano, homem corajoso. O que pode haver, se repetirem a brincadeira com ele, é um velório no salão negro do Congresso. Mas, lastimavelmente, isso faz parte, hoje, da atividade parlamentar...

JORNAL DE BRASÍLIA

Porém, a vergonha não fica somente aí. O governador Brizola, que pensa em ser candidato de seu partido à Presidência em 94, declarou no Rio que a atitude dos deputados de seu partido, o PDT, na quarta-feira, "foi um episódio fecundo e construtivo, que chamou a atenção da opinião pública para uma grave irregularidade". Até que eu estava revendo meu posicionamento quanto à figura política de Brizola, depois de algumas de suas atitudes, mas, com esta, retirei o tapete, o homem não tem visão política mesmo, é um ilusionista.

De onde vem essa degradação dos costumes políticos e parlamentares brasileiros, contaminando de tal modo o povo que passou a gostar dos que atacam, acusam, infamam e agridem os adversários políticos? Como é que esses vícios feios e esses métodos adentraram o Congresso e chegaram até a Mesa, a sede respeitável do Poder Legislativo? Imagine-se se o vírus se dissemina e, amanhã, ministros empurrarem a porta do gabinete presidencial para lhe apontar o dedo no nariz? E se sagrados ministros dos tribunais virarem-se para o seu presidente e empurrá-lo ou arrancá-lo, das mãos, o voto que estiver lendo? Na marcha começada quarta-feira, tudo poderá a vir a acontecer no Brasil. Ou se dá cobro desses desvios de comportamento ou não terá mais jeito. O Congresso não pode ficar inanimado, tem que tomar uma providência para punir os agressores, do contrário perderá o respeito geral da Nação. Já está em julgamento.

Por essas e outras é que há, cada vez mais, seguidores brasileiros de Fujimori e Yeltsin. E, depois, então, que às potências democráticas do Ocidente aprovaram o ato de Yeltsin, a estrada ficou risonha e franca. Ou o Congresso acaba com o dia da violência ou deixa de funcionar às quartas-feiras. A quinta já está ocupada, é do boato. A sexta é da saída, a segunda da volta. Fica a terça. De que será?

■ Ignácio de Aragão é advogado e jornalista